

to da defesa das nossas empresas? Fazemos, caras e bocas na televisão, mas eu gostaria de saber se muda algo no Brasil em relação ao apoio às empresas brasileiras.

Já citei desta tribuna, ontem, um dado definitivo, mortal para o neoliberalismo praticado pelo Executivo brasileiro. Antes dos Fernandes, o Brasil participava, Senador Gilberto Mestrinho, com miserável 1,2% no comércio mundial. Hoje, esse número, já miserável, caiu para 0,8%, apesar de toda a abertura, de toda a vasculagem e de toda a subserviência.

Espero que o Conama abra os olhos e que essa empresa brasileira, Senador Osmar Dias, não seja fechada pelo árbitro, pela tolice, pela babaquice de uma decisão, de uma resolução que só atende ao interesse de multinacionais.

**O Sr. Osmar Dias** (Bloco/PDT – PR) – Senador Roberto Requião, V. Exª me concede um aparte?

**O SR. ROBERTO REQUIÃO** (PMDB – PR) – Com prazer, concedo um aparte ao Senador do Paraná, meu companheiro Osmar Dias.

**O Sr. Osmar Dias** (Bloco/PDT – PR) – Senador Roberto Requião, na verdade, eu estava no meu gabinete, despachando, quando ouvi o apelo de V. Exª para que eu comparecesse ao plenário do Senado. Aqui estou, vim rapidamente para atender ao apelo de V. Exª. Sobre o primeiro assunto que V. Exª aborda, quero dizer que também acompanhei as diligências para que esse assunto seja resolvido. Como V. Exª está liderando esse processo, acompanho as suas gestões, tanto é que assinamos juntos um projeto de decreto legislativo para solucionar o problema. Coloco-me, portanto, à disposição de V. Exª para outras gestões. Aguardo o segundo assunto, que me fez vir ao plenário.

**O SR. ROBERTO REQUIÃO** (PMDB – PR) – O segundo assunto é extraordinariamente importante, Senador Osmar Dias.

V. Exª fez parte dos dois últimos governos peemedebistas do Paraná: do Governo comandado por seu irmão, Senador Álvaro Dias, e do Governo comandado por nós dois. V. Exª como Secretário da Agricultura extremamente influente no projeto de um Governo voltado para a agricultura e a produção, e eu na condição de Governador.

V. Exª sabe que o atual Governo do Paraná inaugurou, noticiando em todos os jornais brasileiros, em páginas duplas e coloridas, a ponte de Porto Camargo, obra que foi iniciada no Governo de Álvaro Dias, anterior ao meu.

Inclusive, Senador Álvaro Dias, faço aqui um reparo a sua assessoria de imprensa. Li uma nota, no Paraná, que declarava que V. Exª havia começado a obra, que havia sido paralisada no Governo posterior. Não é bem assim. A obra foi paralisada no Governo de V. Exª, em junho, e eu assumi em março do ano seguinte. Quando assumi o Governo, a obra já estava paralisada havia oito meses. Simplesmente não a retomei por alguns motivos que, sendo o desejo de V. Exª, eu poderia expor neste momento.

Minha intenção é estabelecer um comparativo entre essa obra, essa inauguração com a presença do Presidente da República, com a publicação em todos os jornais nacionais, com os milhões gastos em publicidade e comunicação, e o preço da ponte.

Acredito que o Senador Álvaro Dias, então Governador, paralisou a obra devido à pressão dos empreiteiros para obter reajustes. O Paraná não estava, como todos os Estados brasileiros, em situação econômica superavitária. Não estava em má situação – fui sucessor do Álvaro e sei que ele me entregou o Estado em boas condições –, mas não podíamos jogar dinheiro fora e havia pressão dos empreiteiros para aumentar o preço da obra. O Álvaro paralisou a obra e eu, pensando que o motivo dele havia sido esse, Senador Paulo Souto, não a retomei, porque queria que o contrato caducasse para podermos rediscutir aqueles preços. E as minhas razões eram claras: licitei uma ponte sobre o mesmo rio Paraná, em Guaíra, que foi orçada pela empreiteira que ganhou a licitação em R\$13,5 milhões. Na época, eram US\$13,5 milhões, porque o dólar estava ao par com o real. Era uma ponte de quase quatro quilômetros.

O Governador Jaime Lerner inaugura, agora, uma ponte de 2,926 mil metros ao custo de R\$63 milhões. Custa mais ou menos R\$21 milhões o quilômetro da ponte que S. Exª inaugurou, euforicamente, na companhia do Presidente da República, com a presença de emissoras de televisão – Rede Globo, SBT e Record –, jornais e um festival de dinheiro e despesas para comemorar.

Ora, a licitação para a construção da ponte de Guaíra foi vencida por uma empresa pela quantia de R\$14 milhões – vamos arredondar. A Eletrosul e o DNER já haviam investido numa ponte de serviço para a construção da Usina de Ilha Grande, que depois foi cancelada, mais ou menos R\$6 milhões. Assim, foi construída uma ponte de quatro quilômetros por R\$20 milhões, ou seja, ao custo de R\$5 milhões o quilômetro, quantia que, na minha matemática, é muito diferente de R\$21 milhões.

Assim, coloquei as barbas de molho e, como o Álvaro havia paralisado a obra, não a retomei.

No entanto, a ponte, em relação ao início da obra, no Governo Álvaro Dias, devia ter tido diminuição de preço. E por que diminuição de preço? Por que quando nós sustamos a construção da Usina de Ilha Grande, o nível do rio baixou para efeito do cálculo da altura da ponte. E baixou por quê? Porque a ponte ficava a jusante da Usina de Ilha Grande. O rio subiria com a construção da represa. Não construída a represa, o rio ficaria nos seus limites históricos e normais. Portanto, deveria haver um rebaixamento na ponte e nos aterros e, conseqüentemente, redução no custo. Ao invés de redução no custo, nós tivemos uma obra